

FEITOS DA BURGUESIA

ANTONIO CANDIDO

Maria Rita Galvão é uma das mais capazes e inspiradas estudiosas do cinema brasileiro. Formada sob a orientação de Paulo Emilio Salles Gomes, que influenciava em profundidade parecendo apenas sugerir, recebeu dele o gosto pelos levantamentos minuciosos da realidade, pela colheita aparentemente miúda dos fatos, que, no entanto, se transforma — em visão elucidativa das produções do cinema e, através dele, da cultura brasileira.

Sob este aspecto, a sua dissertação de mestrado, *Crônica do Cinema Paulistano* (São Paulo, Ática, 1975), é não apenas descoberta surpreendente de fatos salvos pela sua pesquisa, mas também revisão do que sabíamos sobre a produção artística e cultural na cidade de São Paulo dos decênios de 10 e 20. Maria Rita demonstrou que enquanto a burguesia efetuava uma renovação nas artes plásticas, música e literatura, tendo como eixo a Semana de Arte Moderna, a pequena burguesia e o proletariado faziam também a sua, produzindo uma espécie de recalcada cultura dos bairros nos domínios então menos cotados do teatro e do cinema.

Com a mesma força de pesquisa e análise, elaborou a tese de doutoramento, *Vera Cruz, a Fábrica de Sonhos*, defendida em 1976. Trata-se não apenas de um documentário notável, mas também de uma vigorosa leitura ideológica das produções dessa empresa cinematográfica, ampliando-se em interpretação dos feitos da burguesia paulistana no terreno da cultura.

Nesse texto rico e sugestivo, certos aspectos se prestam a um debate sobre o problema delicado das relações entre (1), o condicionamento social (de classe), (2), a função cultural, e (3) o significado estético. Com efeito, na análise que poderemos, à falta de melhor designação, chamar pela flutuante e imprecisa de “ideológica”, há uma tendência a passar às vezes rapidamente da verificação ao juízo político, como se este devesse segui-lo e determinar o juízo estético; e como se, além disso, precisasse corresponder às nossas convicções. Nenhum de nós que queima os dedos nesse exercício difícil está imune ao perigo ou deixou de incorrer na

falta. Como disse, algumas posições de Maria Rita estimulam a reflexão a respeito, o que procurei fazer como comentário marginal à tese, na qualidade de membro da comissão examinadora. O jornalista Luiz Roberto Martins, a quem agradeço, gravou a minha intervenção e publicou-a (revista por mim) numa reportagem sobre a sessão de defesa. É o que vai transcrito abaixo, com pequenos reajustes.

A Sra. fala da limpeza, clareza e elegância visadas pela Vera Cruz, e mostra como elas eram valores burgueses que correspondiam a um certo tom que a burguesia queria dar aos seus produtos. Perfeitamente. Mas acontece que, como todo produto cultural, por um lado, eles estão ligados à sua (digamos) infra-estrutura de classe e, por outro lado, desenvolvem autonomia e adquirem uma personalidade própria, que vai decidir da sua validade. Porque se apenas espelham a classe a partir da qual se projetam, são produtos medianos. Um produto, sem perder as suas raízes de classe, só se projeta universalmente quando, de certa maneira, sai fora dessa matriz inicial. Então, dizemos que ele adquire um certo cunho universal.**

Ora, eu creio que esses valores de limpeza, clareza, elegância, não são em si mesmos valores burgueses. São também valores universais. Portanto, avaliá-los sem certas precauções mais sutis, que talvez a Sra. nem sempre tenha tomado, dá a impressão que eles são valores ligados essencialmente à burguesia, ou à burguesia paulista em particular. Eu creio que a sra. viu bem a ligação destes e outros valores com a sua matriz burguesa, mas não viu a sua projeção eventual num plano mais alto.

Para esclarecer o meu pensamento, dou um exemplo da literatura brasileira do Século XIX. A crítica progressista de então reagiu de modo estranho diante de Machado de Assis. Podemos chamar de progressista a crítica de Sílvio Romero, que em face de Machado é de uma incompreensão que chega à obtusidade. Sílvio censurava nele falta de brasileirismo, isto é, no fundo e entre outras coisas, o mesmo que se censuraria nos filmes da Vera Cruz. Para Sílvio, Machado não era suficientemente brasileiro porque não descrevia a paisagem do Brasil, não se empenhava em seus romances nos grandes problemas sociais brasileiros, não falava da Abolição, não mencionava explicitamente a iniquidade social. Portanto, dizia mais ou menos: Machado é um água-morna, um absenteísta, um homem de meio-termo, um homem que não está a altura de ser o grande escritor que (infelizmente para o crítico) era.

* Opinião, nº 202, 17 de setembro de 1976.

** Para usar as palavras de Maria Rita Galvão, é o caso dos "Movimentos em profundidade, que fecundavam a burguesia e atingiram a sociedade global". (*Crônica do Cinema Paulistano*, p. 17).

Ora, pensando assim, veremos que em princípio Joaquim Manuel de Macedo seria muito mais progressista do que Machado de Assis. No seu romance *Dois Amores*, (que é uma droga calamitosa), há uma página impressionante sobre o advento da futura sociedade em que o pobre pedirá contas ao rico, partindo da idéia que, na verdade, há duas sociedades, não uma, isto é, pobres e ricos; era em *As Vítimas Algozes* há um tratamento extremamente liberal do problema da escravidão. Assim, Sílvia Romero poderia dizer que Macedo estava muito mais ligado aos problemas sociais do homem e do Brasil, enquanto Machado representava uma visão desligada da realidade.

Raciocinando como Sílvia, que foi um dos nossos maiores críticos, Machado poderia ser praticamente desqualificado, como de fato foi por ele, a ponto de dizer que José de Alencar era superior a ele como romancista, Martins Pena como visão do real, Tobias Barreto como poeta e como humorista. Ora, essa obnubilação foi em parte devida ao fato de Sílvia ter sido coerente com a vontade de ver de maneira excessiva a funcionalidade social da obra. No entanto, por mais que estejamos empenhados num ponto de vista político, sabemos que a verdade não é absolutamente esta.

Para voltar ao assunto, eu diria que Machado de Assis, como a Vera Cruz, apresentava aqueles valores burgueses de elegância e refinamento; valores de classe; mas que significavam também mais coisa. Este problema de saber porque Machado de Assis ultrapassava o que representava, e porque Macedo e Alencar não ultrapassavam; ou por outra, porque em termos brasileiros a aparência não era realidade, está sendo bem destrinchado e explicado por Robert Schwarz cuja obra em andamento vem mostrando porque é que Machado, sendo aparentemente o mais desligado, era o mais empenhado.

Voltando ao seu pressuposto, eu diria que os valores que a Sra. persegue o tempo todo na sua análise eram de fato burgueses. Mas a pergunta correta seria a seguinte: os filmes da Vera Cruz conseguiram, além disso, fazer com que esses valores burgueses fossem também mais do que burgueses? Quer dizer: a burguesia paulista fez uma companhia de cinema cujos filmes acabaram sendo mais do que expressão de valores burgueses? Eu creio que sim, porque a Sra. acabou de dizer que os filmes da Vera Cruz lhe parecem profundamente brasileiros. Para mim também. Eu fiquei espantado, lendo o seu trabalho, da "acusação" de estrangeirismo que pesava o tempo todo em relação a esses filmes, a meu ver sem razão maior. Os técnicos eram italianos, os montadores eram ingleses, mas os filmes são brasileiros... Como muita coisa do Brasil. Acho que é preconceito achar que uma coisa é mais brasileira do que outra porque é deste ou daquele lugar do País; porque o sujeito envolvido se chama Zampari em vez de se chamar Souza. Eu ria, assim apoiando-me inclusive no que a Sra. disse pouco durante a argüição do

meu antecessor, que esses valores eram burgueses, mas também mais do que burgueses. No seu trabalho, talvez a Sra. devesse ter indagado se eles atingiram o limiar decisivo, a partir do qual adquirem, além da sua dimensão inevitável de classe, certa dimensão universal.

Voltando ao significado geral da tese, digo que fiquei interessadíssimo no panorama bastante íntegro que a Sra. dá daquele momento. A sua visão inicial é muito boa, embora eu também participe da dúvida de Decio de Almeida Prado: em algumas páginas a Sra. dá a impressão de ter querido dizer que quando entra a ação econômica do Estado acaba o controle da burguesia. Ora, dentro da linha de argumentação que desenvolveu, pela sua formação, pelas suas bases teóricas, é claro que a Sra. sabe que o Estado é um instrumento da burguesia, e que portanto o fato dele estar custeando não tira o caráter burguês da empresa. Não foi o que desejou dizer, mas em certos momentos deu a impressão de que há domínio da burguesia sobretudo quando existe autonomia dos negócios e capacidade do próprio grupo se autofinanciar, sem a intervenção do Estado.

Apesar disso, achei muito interessante a sua análise política de apoio. A Sra. descreveu o que foi, quem sabe, o último momento em que a cultura burguesa reinou incontrastada no Brasil, como sendo "a cultura". O último momento em que a cultura "que fosse boa para a burguesia era boa para todos". Até então não se tinham manifestado visivelmente fora da burguesia forças que impusessem "culturas" paralelas. No fim do decênio de 50 e começo do de 60 a coisa começou a mudar. Naquela altura, começamos a ver no Brasil, não de maneira isolada, através de vanguardas, mas como grandes movimentos de estudantes, populares e intelectuais, um esboço de movimento muito mais intenso, capaz de interessar setores mais vastos da sociedade em seus diversos níveis. A respeito disto, poderíamos realmente falar de um tipo de cultura que, embora influenciada por pessoas que na sua maioria eram individualmente da burguesia pela origem, estavam desprendendo-se dos valores burgueses. Refiro-me a coisas como as tentativas de teatro popular, as caravanas para o Nordeste que viu surgir a obra de Paulo Freire, o cinema novo etc. O fenômeno foi tão importante que os poderes competentes tomaram providências imediatas... A partir de 1.º de abril de 1964 estas foram bastante drásticas com relação a isso tudo, a esse esboço de um movimento cultural antagônico em relação ao da burguesia.

A Vera Cruz está ligada a um movimento completamente diverso e mesmo oposto. Movimento que, rico e importante como era, pertencia integralmente à cultura burguesa. Mas tendia, sob certos aspectos, a ser de cultura, *tout court*. (Dentro dos pressupostos indicados no início).

Para esclarecer o que digo, vou ao começo do movimento. A Sra. mostra que a burguesia paulista tradicional levou um golpe em 1930, mas que se exprimiu culturalmente depois de 1930, por causa da dimensão

cultural que adquiriu, além de outros fatores. Culturalmente, a data de início deste movimento, a que pertence a Vera Cruz, foi a fundação da Universidade de São Paulo, 1934. O movimento continua com a atuação de Mário de Andrade no Departamento Municipal de Cultura, a partir de 1935. Muito depois, no fim do decênio seguinte, é que vão surgir o Teatro Brasileiro de Comédia e, dele, a Vera Cruz. O que desejo sugerir é que não se pode caracterizar secamente esse complexo de acontecimentos como "cultura burguesa", delimitada e sem mais qualificativos.

Teria talvez sido preciso desenvolver no seu trabalho certas deixas que semeou, inclusive com base em Lévi-Strauss, que foi professor desta Faculdade entre 1934 e 1938. Strauss percebeu que a Universidade de São Paulo dos primeiros tempos, com as suas missões estrangeiras e o seu êxito mundano, era um luxo da oligarquia e se prestava a piada (que ele não economiza). De fato, em nosso tempo de estudantes havia matinées dançantes no Hotel Esplanada, de que participavam alunos e professores estrangeiros, e todo o mundo ia tomar chá na Confeitaria Vienense. Havia disso, mas eram os aspectos contingentes, acessórios, que não tiravam a seriedade essencial do que estava acontecendo. Eu acho que um historiador moderno pode assinalar esses aspectos mundanos e proceder à análise do seu significado de classe; mas concluir daí que se tratava de uma empresa fútil da burguesia será errado. Há um aspecto de dependência burguesa constrictora, mas há um outro lado a considerar: a cultura construindo-se nos termos em que isso era possível. Imagine a Sra. que no nosso tempo de estudantes só tivemos nesta Faculdade aulas em francês e em italiano. Visto de hoje, isso pode parecer desfrutável e alienado; uma espécie de inútil Faculdade européia nos trópicos. Mas não era.

Analisando bem, veremos que era de fato uma iniciativa da cultura burguesa; era a oligarquia pagando o luxo de construir uma faculdade de tipo francês. Mas com isso, como viu muito bem Lévi-Strauss, abriu as oportunidades para a formação moderna de um grupo no fundo inconformado em vários níveis. Grupo crescido no flanco da sociedade burguesa, constituído não apenas pelos seus rebentos insatisfeitos, que recusavam o molde aristocratizante das escolas tradicionais, mas de elementos da pequena burguesia, de professores primários comissionados, de filhos dos fazendeiros arruinados. Assim nasceu a vocação crítica (no sentido amplo) da Faculdade de Filosofia, que perdura até hoje e já foi aliás ultrapassada por outras formações culturais. O seu destino foi meio miraculoso, pensando bem, porque ela era uma combinação dos valores da burguesia, querendo formar quadros ao seu modo, e dos valores muito mais gerais veiculados pelos professores franceses, trazendo o radicalismo do *Front Populaire* de 1934 ou 1935. Assim se formou esse radicalismo modesto da Faculdade de Filosofia, que ficou sendo uma tradição e tem

produzido efeitos positivos. Sobretudo o de criar em São Paulo um molde que foi progressista em relação ao que havia nas velhas faculdades, e que conformava os estudantes independentemente da origem social.

Isso é dito para sugerir a necessidade de matizar as análises ideológicas, a fim de compreender que, tanto no caso da Universidade quanto no da Vera Cruz, o que era expressão da cultura burguesa era também expressão de cultura, *tout court*. Era a cultura que podia haver e que gerou no flanco a própria contestação. Por isso, alguns fundadores da Universidade de São Paulo costumavam dizer com melancolia que esta não era a Universidade dos seus sonhos. Claro que não.

Eu ainda diria mais, que no caso da Vera Cruz, mas sobretudo do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), ocorreram mais fatos de radicalização do que aparecem no seu trabalho. A Sra. sabe que vários dos jovens diretores italianos do TBC (que trabalharam a seguir também na Vera Cruz) eram homens de esquerda? Eles dirigiram peças que quase suscitaram problemas com a polícia. Cito um caso: a *Ópera dos Mendigos*, montagem de Ruggero Jacobbi, sobre a qual chegou-se a falar em proibição. Outro caso foi o de *Ralé*, de Gorki, montagem de Flaminio Bollini. Até mesmo a maneira pela qual Jacobbi dirigiu *O Mentiroso* de Goldoni.

Portanto, dentro desse mundo que a Sra. descreve como risonho e maciçamente aderente a uma visão eufórica, limpa e polida da burguesia, havia, pela dinâmica própria da vida brasileira, muitos sinais de contracorrente. E é assim que tem acontecido mais de uma vez: vem a oligarquia, vem a cultura estrangeira de encomenda, criam-se coisas de um certo jeito, e ao lado brota uma plantinha incômoda que não estava prevista.

Tudo isso são reflexões a propósito e à margem da sua tese. Sugestões para a Sra. ver que a análise ideológica deve ser feita com muito cuidado, para não cairmos nas simplificações terríveis de gabar quem está do nosso lado e vilipendiar quem está do outro. Do tipo: o que são valores burgueses? Valores burgueses são aqueles contra os quais nós estamos. O que é análise ideológica? Análise ideológica é mostrar que tal autor é safado porque não está ao lado do povo, e tal escritor é bom porque está ao lado do povo. Muita gente boa cai nisso quase sem querer. Não a Sra., é claro.